

Assentos de óbitos da Freguesia de Santo Antônio do Urubu de cima (1845-1865): o campo lexical da *causa mortis*

*Deaths records of the Freguesia de Santo Antônio do Urubu de cima (1845-1865):
the lexical field of causa mortis*

Lécio Barbosa de Assis¹

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Vitória da Conquista, Bahia, Brasil

Jorge Augusto Alves da Silva²

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Vitória da Conquista, Bahia, Brasil

Vera Pacheco³

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Vitória da Conquista, Bahia, Brasil

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo apresentar um estudo do léxico, a partir do campo lexical da *causa mortis* encontrado em um livro de assentos de óbitos da Freguesia de Santo Antônio do Urubu de Cima, Capitania da Bahia, exarado por três diferentes *scriptores* no período compreendido entre 1845 a 1865. A fonte documental está alocada no acervo da Cúria Diocesana de Bom Jesus da Lapa-BA. Os registros de óbitos apresentaram lexias para denominar a *causa mortis* em 413 do total dos 725 assentos de óbitos. Diante dessa constatação, levantou-se a seguinte pergunta: quais fatores condicionaram a declaração ou não da *causa mortis* no referido livro? O percurso teórico-metodológico empreendido buscou na interface da Filologia (Spina, 1977; Cambraia, 2005), da teoria dos campos lexicais proposta por Coseriu (1977) e do cotejamento com obras de referência (Bluteau, 1712-1728; Moraes Silva, 1823; Langgard, 1865; Chernoviz, 1890) a resposta para a questão levantada, incluindo o estudo das hipóteses iniciais para serem atestadas, sendo elas: (i) o léxico utilizado para a *causa mortis* era de uso recorrente na época, no entanto, o fato do *scriptor* conhecer ou não as denominações das doenças, implicava na denominação do motivo da morte; (ii) considerando o contexto sócio-histórico, o *scriptor* poderia ter ou não acesso às informações detalhadas do falecido, fornecidas por pessoas mais próximas, o que comprometia o lançamento dos dados nos registros. A partir do presente estudo, espera-se contribuir com as investigações no âmbito dos estudos lexicais e do conhecimento dos valores culturais e sócio-históricos do Português Brasileiro, sobretudo do sertão do Rio São Francisco.

Palavras-chave: Campos Lexicais. *Causa mortis*. Assentos de óbitos.

¹ Doutor em Linguística pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. E-mail: falecomlecio@gmail.com

² Doutor em Letras pela Universidade Federal da Bahia. Professor Pleno vinculado ao Departamento de Estudos Linguísticos e Literários da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) e ao Programa de Pós-graduação em Linguística e ao Profletras da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). E-mail: jorge.silva@uesb.edu.br.

³ Doutora em Linguística pela Unicamp. Professora Plena vinculada ao Departamento de Estudos Linguísticos e Literários da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) e ao Programa de Pós-graduação em Linguística e ao Profletras da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). E-mail: vera.pacheco@gmail.com

Abstract: The present paper aims to present a study of the lexicon, based on the lexical field of the *causa mortis* present in a book of death records from the Freguesia de Santo Antônio do Urubu de Cima, Capitania da Bahia, drawn up by three different *scriptors* in the period between 1845 and 1865. The documentary source is located in the collection of the Diocesan Curia of Bom Jesus da Lapa-BA. The death records presented words to name the *causa mortis* in 413 of the total 725 death records. Given this finding, the following question arose: what factors conditioned the declaration or not of the *causa mortis* in the aforementioned book? The theoretical-methodological path undertaken sought the interface of Philology (Spina, 1977; Cambraia, 2005), the theory of lexical fields proposed by Coseriu (1977) and comparison with reference works (Bluteau, 1712-1728; Moraes Silva, 1823; Langgard, 1865; Chernoviz, 1890) the answer to the question raised, including the study of the initial hypotheses to be attested, namely: (i) lexicon used for *causa mortis* was in recurrent use at the time, however, the fact that the *scriptor* knew the names of the diseases implied the name of the reason for death; (ii) considering the socio-historical context, the *scriptor* could or could not have access to the detailed information of the deceased, provided by people closest to him, which would compromise the entry of data into the records. From the present study, it is expected to contribute to investigations within the scope of lexical studies and knowledge of the cultural values and socio-historical of Brazilian Portuguese, especially in the sertão of São Francisco River.

Keywords: Lexical fields. *Causa mortis*. Death records.

1 INTRODUÇÃO

O cenário da investigação aqui proposta é o sertão de cima do Rio São Francisco, mais especificamente a Freguesia de Santo Antônio do Urubu de Cima, região que abarcava os municípios baianos de Paratinga, Bom Jesus da Lapa, Ibotirama e Macaúbas, no atual Território de Identidade do Velho Chico. O recorte temporal deste estudo, contempla o período compreendido entre os anos de 1845 a 1865, exatamente o período da fonte pesquisada em que boa parte dos assentos de óbitos apresentava a *causa mortis*, objeto desse estudo a partir da teoria dos campos lexicais (Coseriu, 1977).

A Freguesia de Santo Antônio do Urubu de Cima foi criada em 1718, pelo Arcebispo da Bahia, D. Sebastião Monteiro da Vide, às margens médias do Rio São Francisco, pertencente à Capitania da Bahia e à Comarca de Jacobina, tornando-se Vila do Urubu em 1748, “ladeando o caminho do rio São Francisco que rumava em direção às Minas Gerais e outro que unia a povoação à vila da Jacobina” (Arraes, 2017, p. 308). A Freguesia de Santo Antônio do Urubu de Cima, arraial e depois Vila do Urubu, uma das mais antigas povoações da Bahia, destacava-se como um centro estratégico político e econômico do período colonial, tornando-se em “espaços de aglomeração de pessoas, portanto contribuindo com o dinamismo da região” (Nogueira, 2011, p. 54).

Os livros de registros paroquiais (batismo, casamento e óbitos) foram estabelecidos e padronizados a partir do Concílio Tridentino (1545-1563) com o objetivo de promover modificações nas normas e conservação da unidade eclesiástica. Os registros paroquiais são fontes históricas seriais importantes para o estudo do contexto de ocupação e povoamento de uma comunidade em um determinado recorte temporal, além de fornecer evidências do uso da língua em tempos pretéritos, entre elas, informações históricas sobre o léxico.

Os assentos de óbitos eram exarados pelos párocos, aqui chamados de *scriptores*, que seguiam a tradição diplomática e as determinações preconizadas pelas *Primeiras Constituições do Arcebispado da Bahia*, promulgadas em 1707 e impressas em 1719, em Lisboa. Como

consequência dessa prática de escrita, os *scriptores* deixaram uma gama de fenômenos linguísticos, profícuos para a investigação, entre eles, o campo lexical das *causa mortis*.

No referido livro pesquisado foi encontrada a informação da *causa mortis* em determinados assentos de óbitos e, na tentativa de uma investigação sobre esse campo lexical, partiu-se da seguinte pergunta: quais fatores condicionaram a declaração ou não das *causa mortis* em um livro de assentos de óbitos da Freguesia de Santo Antônio do Urubu de Cima (1845-1865)?

Para responder a essa questão, fez-se uso do arcabouço teórico-metodológico da Filologia (Spina, 1977; Cambraia, 2005) para a leitura e transcrição do manuscrito com base na edição diplomática e da teoria dos campos lexicais (Coseriu, 1977), além do cotejamento com obras lexicográficas de referência da época. O livro estudado está alocado no acervo da Cúria Diocesana de Bom Jesus da Lapa-BA e as reproduções *fac-similares* utilizadas para o estudo pertencem ao Projeto de pesquisa, coordenado pela Prof.^a Ma. Ádma Bernadino Magalhães, Educação Patrimonial: mapeando acervos históricos e culturais de Bom Jesus da Lapa, vinculado ao Departamento de Ciências Humanas e Tecnologias, *Campus XVII*, da Universidade do Estado da Bahia – UNEB.

O problema ora exposto requer o estudo na área da teoria dos campos lexicais, uma vez que tais campos seguem uma rede de significações ao considerar o léxico de maneira estrutural, além de considerar os aspectos semânticos com o contexto sócio-histórico e cultural da época em que o manuscrito foi produzido. Perante o exposto, é possível propor duas hipóteses de trabalho: I. o léxico utilizado para as *causa mortis* era de uso recorrente na época, no entanto o fato do *scriptor* conhecer ou não as denominações das doenças, através de informações técnico-científicas, implicava na denominação do motivo da morte; II. considerando o contexto sócio-histórico, o *scriptor* poderia ter ou não acesso a informações mais detalhadas da pessoa falecida, fornecidas por pessoas mais próximas, o que comprometia o lançamento dos dados nos registros.

Diante das hipóteses levantadas, o objetivo geral do trabalho é analisar as lexias das *causa mortis* encontradas nos assentos de óbitos (1845-1865) e os específicos são identificar as doenças presentes no cotidiano da população do sertão de cima do São Francisco e como os párocos percebiam essas doenças no momento de exarar os assentos de óbitos, além de compreender o contexto sócio-histórico de produção do manuscrito.

Há pesquisas que analisam assentos de óbitos através de uma abordagem diacrônica e como parâmetro de investigação utilizam a interface entre a Filologia e as Ciências do Léxico, a exemplo dos trabalhos de Almeida (2016), França e Barreto (2019), Nascimento, Lira e Hosokawa (2020), Nascimento e Hosokawa (2021) e Araújo, Holanda e Noronha (2022). Todos esses trabalhos comprovaram a importância que os assentos de óbitos têm para as pesquisas históricas, filológicas e das ciências do léxico, tendo em vista a riqueza histórica, cultural e linguística que pode ser extraída dos registros paroquiais.

O presente estudo se relaciona com os trabalhos anteriores, na medida em que apresenta um campo lexical do vernáculo da época de produção do manuscrito e difere desses estudos por apresentar um corpus inédito e um estudo linguístico ainda pouco explorado no sertão do São Francisco do século XIX, o que permite estabelecer de forma sistemática, comparações com os estudos anteriores e o cotejamento com obras de referência da época (Bluteau, 1712-1728; Moraes Silva, 1823; Langgard, 1865; Chernoviz,

1890), e sobretudo, permite contribuir com pesquisas linguísticas relacionadas à reconstrução do passado que remontam a configuração sócio-histórica do Português Brasileiro.

2 “E FEZ TESTAMENTO...”: SOBRE O CAMPO DE INVESTIGAÇÃO

Partindo da teoria dos campos lexicais, o presente estudo restringe-se à observação das lexias utilizadas para denominar as *causa mortis* encontradas em assentos de casamentos do século XIX, com o intuito de evidenciar “as relações internas do campo léxico enquanto estrutura de conteúdo” (Coseriu, 1977, p. 213). De acordo com Coseriu (1977), o campo lexical pode ser definido como um paradigma constituído por unidades lexicais de conteúdos, ou seja, lexemas que estão distribuídos em um campo que compartilham o mesmo sentido e estão em oposição imediata mínima.

Abbade (2015, p. 77) explica que a estruturação dos campos lexicais propõe sempre um estudo diacrônico e estrutural do léxico onde se possa investigar o funcionamento de uma língua, reflexo das experiências do ser humano e do contexto sócio-histórico e cultural do momento em que essa língua é descrita. Acredita-se que o campo lexical abordado no presente trabalho, seguido do cotejamento dos significados em diferentes obras lexicográficas, possibilita à identificação dos usos lexicais que caracterizam aquele microcosmo social do sertão do São Francisco, no que diz respeito às crenças, valores e costumes, entrelaçadas nas manifestações linguísticas e extralinguísticas.

Dentre as obras lexicográficas consultadas para a verificar o sentido que foi atribuído aos campos lexicais sob análise, estão duas obras em Língua Portuguesa: o *Vocabulário Português-latino* de Raphael Bluteau (1712-1728) e o *Dicionário da Língua Portuguesa* de Antônio de Moraes Silva (1ª ed. 1789; 2ª ed. 1813; 3ª ed. 1823). Verdelho (2002), em *Dicionários portugueses, breve história*, ao tratar da emergência da escrita entre os vernáculos europeus, paralelamente à difusão do latim, diz que a lexicografia facilitava a compreensão da escrita de forma mais ampla do que a língua oral, e que os textos são testemunhos do uso da escrita em vernáculo português, marcado pelo esforço metalinguístico, próximo da informação lexicográfica.

Verdelho (2002) traz em seu texto um apanhado de obras da lexicografia latinoportuguesa, entre elas, o *Vocabulário Português-latino* de Bluteau e o *Dicionário de Língua Portuguesa* (1789) de Antônio de Moraes Silva. O autor considera o trabalho de Bluteau como uma obra monumental da lexicografia portuguesa, com uma rica explicitação referencial, semântica e com a prática lexical da época. Em seguida, ao discorrer sobre o início da lexicografia moderna monolíngue portuguesa, Verdelho (2002) destaca, entre os primeiros dicionários modernos monolíngues portugueses, a obra de Moraes Silva (1789), descrevendo a trajetória da referida obra, desde 1789, como se tratasse de uma reedição da obra de Bluteau e as sucessivas reedições até chegar a reconfiguração de um vocabulário português de referência e padronização.

Também José Horta Nunes (2006), em sua obra *Dicionários no Brasil – análise e história do século XVI ao XIX*, analisou um conjunto de dicionários produzidos ou utilizados no Brasil entre os séculos XVI e XIX, dedicando um capítulo de sua obra para analisar os dicionários de Bluteau e Moraes Silva. Vale notar que as obras de Bluteau e Moraes Silva

foram obras de referência nos estudos lexicográficos nos séculos XVIII e XIX, consolidando naquele período a ampliação do conhecimento lexicográfico da língua portuguesa, ampliando a interação entre língua e cultura, como considera Biderman (2001, p. 17): “o dicionário de língua faz uma descrição do vocabulário da língua em questão, buscando registrar e definir os signos lexicais que referem os conceitos elaborados e cristalizados na cultura”.

Além de recorrer aos dois dicionários de referência da época estudada: o *Vocabulário Português e Latino* de Rafael Bluteau (1712-1728) e *Dicionário da Língua Portuguesa* de Antônio de Moraes Silva (1823[1789]), foi realizado o cotejamento entre obras técnico-científicas específicas para a descrição de doenças, a saber: o *Dicionário de medicina doméstica e popular* de Theodoro Langgard (1873) e a obra de Pedro Luiz Napoleão Chernoviz (1890 [1840]), intitulada *Diccionario de medicina popular*. Com a finalidade de servir de suporte lexical, as obras de Langgard (1873) e Chernoviz (1890 [1840]) foram escolhidas por serem referências na difusão de saberes médicos no período em que a fonte documental desse estudo foi escrita.

A seguir, empreende-se levantamento de pesquisas que trazem a *causa mortis* de registros de óbitos como objeto de investigação, recorrendo ao labor filológico e aos estudos lexicais.

Em sua dissertação de mestrado, *O léxico de causa mortis em certidões de óbito do Vale do Jaguaribe no século XIX*, Almeida (2016) traçou um estudo filológico e linguístico, a partir de fontes manuscritas no período de 1801 a 1850, pesquisando sobre o léxico e as definições das *causa mortis* com o auxílio do *Dicionário de Medicina Popular* de Chernoviz (1890) e a obra *Nomes e expressões vulgares da medicina no Ceará* de Eurípedes Chaves Júnior (1985), trabalho que resultou em um glossário fraseológico.

França e Barreto (2019), na pesquisa intitulada *Enveredando pelo léxico: algumas incursões sobre as causa mortis presentes em um livro de óbitos novecentista do oeste baiano*, analisaram o léxico da *causa mortis* presente em um livro de óbitos de Santa Rita do Rio Preto-Bahia, pertencente ao século XIX, com o objetivo de salvaguardar a memória linguística, social e cultural da região estudada e ao mesmo tempo revelar, através dos usos e estudos dos léxicos da *causa mortis*, os aspectos filológicos e linguísticos da língua portuguesa em tempos pretéritos.

Nascimento, Lira e Hosokawa (2020) realizam um estudo de ordem filológica e linguística a partir de certidões de óbitos (1898-1903) da Igreja Matriz de São Pedro e São Paulo, Mamanguape – PB. Os autores realizam a edição semidiplomática do manuscrito e elaboram um glossário com as denominações das *causas mortis*, sob os preceitos da Lexicologia.

Nascimento e Hosokawa (2021) empreenderam um estudo baseado em vinte e oito certidões de óbitos pertencentes à Igreja Matriz de São Pedro e São Paulo – Mamanguape – PB com o objetivo de realizar a edição semidiplomática e elaborar um glossário a partir das lexias das *causa mortis*. Os autores dão conta de que algumas lexias sofreram transformações ou caíram em desuso, fundamentando as transformações da língua no decorrer do tempo para atender as necessidades de seus falantes.

Araújo, Holanda e Noronha (2022) identificaram as variações lexicais de *causa mortis* em certidões de óbito escritas no final do século XIX e início do século XX, pertencentes

ao acervo documental da Diocese de Itapipoca – CE. Os autores investigaram o contexto sócio-histórico e cultural das variações, analisando os fatores extralinguísticos que condicionaram o seu uso, a partir dos parâmetros de investigação dos estudos filológicos e sociolinguísticos.

O olhar retrospectivo sobre as pesquisas realizadas sobre o léxico das *causa mortis* em assentos de óbitos dos séculos XIX e XX permite analisar e compreender o objeto de estudo através do viés histórico-diacrônico, descrevendo a história da sociedade e o estado da língua portuguesa em tempos pretéritos.

3 “FOI ENVOLTO EM...”: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Tendo em vista que o presente estudo se valeu da interface entre a filologia e os estudos do léxico, em primeiro lugar, destacou-se o labor filológico, “privilegiando a língua escrita e literária como fonte de estudos [...]” (Cambraia, 2005, p. 14). A leitura e transcrição com base na edição diplomática (Spina, 1977; Cambraia, 2005) foi realizada a partir da edição *fac-similar* da fonte documental.

Posteriormente, a seleção e a sistematização do léxico das *causa mortis* foram executadas com o auxílio da ferramenta computacional *AntConc*⁴ (2011), projetado pelo Professor Laurence Anthony (*Waseda University*, Japão) para o gerenciamento de listas de palavras (*word list*) e de combinações lexicais (*clusters/ N-grams*) organizadas por ordem alfabética ou por ordem de frequência. Essas informações coletadas foram analisadas considerando os seus significados, apoiando-se na teoria dos campos lexicais para relacionar as *causa mortis* enquanto lexias e elementos das manifestações sócio-históricas e culturais.

E por fim, foi realizado o cotejamento entre obras técnico-científicas específicas para a descrição de doenças e os dicionários lexicográficos de referência da época. As lexias selecionadas foram analisadas separadamente, comparando as informações obtidas nas obras de referências e nos trabalhos anteriores com resultados assemelhados.

O corpus do presente estudo está representado no Quadro 1, a seguir:

Quadro 1: Caracterização do corpus

Século	XIX
Marco temporal	1845-1865
Tipo de documento	Livro de assentos de óbitos
Marco diatópico	Freguesia de Santo Antônio do Urubu de cima – Capitania da Bahia
<i>Scriptores</i>	Vigário Ernesto de Oliveira Valle Padre José Borges de Oliveira Vigário José Gomes dos Santos
Quantidade de registros	725

Fonte: Elaboração própria.

O livro de assentos de óbitos (1845-1865) consta de 725 registros, dos quais a *causa mortis* foi declarada em 413 assentos, entre o período de 1845 a 1858. Os livros paroquiais eram constituídos de acordo com as orientações estabelecidas pelas *Constituições Primeiras*

⁴ Disponível em: <http://www.antlab.sci.waseda.ac.jp/index.html>. Acesso em: 30 ago. 2023.

do *Arcebispado da Bahia* (1707), que, por sua vez, foram baseadas nas determinações do Sagrado Concílio Tridentino (1545-1563). Quanto aos *scriptores*, párocos que estiveram à frente dos trabalhos pastorais na freguesia, eram autoridades religiosas, pertencentes a um grupo social com formação escolar, do sexo masculino, faixa etária adulta e utilizavam um estilo de escrita que seguiam a tradição diplomática.

As características textuais previsíveis nos assentos de óbitos, de acordo com as normas das *Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia* (1707), deveriam constar da data do falecimento, nome, naturalidade, idade, estado civil, nome do cônjuge ou pais, no caso dos solteiros, administração dos sacramentos, local de sepultamento, se fez testamento ou não, se solicitou missas e ofícios por sua alma e deveria constar se do enterro recebeu a esmola costumada ou se foi feito por esmola, no caso do defunto ser notoriamente pobre. Ao final, o *scriptor* assinava o documento, que era, na maioria das vezes, o vigário e, em algumas ocasiões, o padre coadjutor ou vice vigário da freguesia (paróquia).

No artigo *A Estatística da População na América Portuguesa, 1750-1820*, de autoria de Paulo Teodoro de Matos e Paulo Silveira e Sousa (2015), os autores pesquisaram em um corpus documental de modelos de ordens e mapas estatísticos desde 1720 em que a administração ultramarina portuguesa produziu ordens régias para calcular e regular as estimativas geográficas do período colonial na América portuguesa. Entre os documentos destacados no referido estudo, a Ordem Régia de 21 de novembro de 1797, conhecida como Diploma Real, enviada aos governadores ultramarinos, solicitava a presença de informações qualitativas dos indivíduos, entre elas, nos registros de óbitos, “requeria-se um mapa acerca das causas da mortalidade, classificadas em naturais e acidentais” (Matos; Sousa, 2015, p. 92).

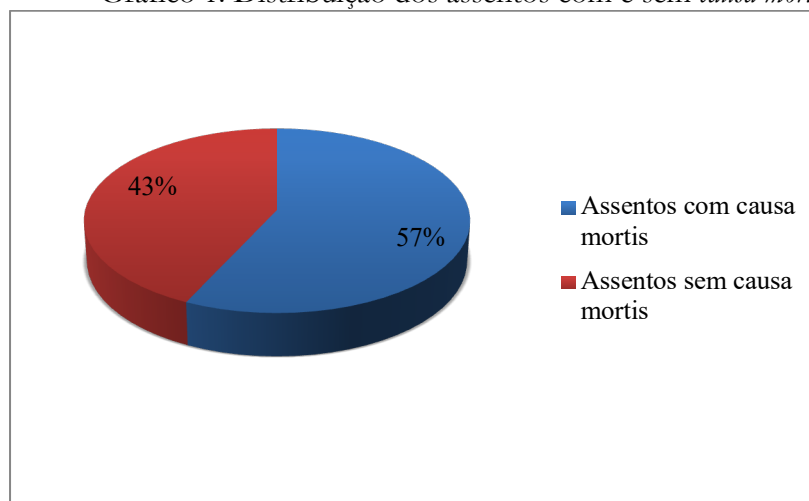
De acordo com Matos e Sousa (2015), as operações estatísticas da América portuguesa seguiam os modelos de análise vigente na época, e o processo de recolhimentos dessas informações dependia das relações primárias formuladas pelos párocos das freguesias através dos registros de batizados, casamentos e óbitos, configurando uma rede territorial que proporcionava o cumprimento das ordens régias e das instruções do governo português, que visava, através dessas informações, mapear as estruturas demográficas e socioeconômicas dos seus territórios.

Nos livros de assentos de óbitos do século XVIII da coleção do acervo da Cúria Diocesana de Bom Jesus da Lapa, que abarca livros de algumas freguesias do sertão do São Francisco, não há a informação da *causa mortis*. A presença dessa informação começa a aparecer nos registros do século XIX, possivelmente, resultado das exigências do Governo Português, permitida pela orientação das *Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia* (1707) que preconizava “a mudança, uso e costumes” dos tempos. Quando a *causa mortis* era declarada no registro, ao que tudo indica, o *scriptor* obtinha a informação de parentes ou pessoas próximas do falecido para indicar o estado da pessoa, o que justifica a forma popular de nomear as doenças ou sintomas, e também, muitas vezes, a forma genérica ou até mesmo a ausência da informação.

4 “E POR MIM ENCOMENDADO”: RESULTADOS E DISCUSSÕES

O livro de assentos de óbitos (1845-1865) estudado apresenta 57% (413) dos registros com a declaração da *causa mortis* e em 43% (312) a informação não foi mencionada, como representa o **Gráfico 1**:

Gráfico 1: Distribuição dos assentos com e sem *causa mortis*



Fonte: Elaboração própria

As informações contidas no Gráfico 1 apresentam uma visão geral do que foi encontrado na fonte documental, por isso, a seguir, será apresentado de uma forma mais detalhada, relacionando os três *scriptores* responsáveis pelo preenchimento do livro de óbitos. O livro abarca o período de vinte anos, tendo iniciado em novembro de 1845, sob a responsabilidade do Vigário Colado Ernesto de Oliveira Valle, cujas mãos escreveram 199 assentos de óbitos, dos quais 142 apresentaram a *causa mortis*. O período seguinte compreendido entre 1849 a 1850 teve o Padre José Borges de Oliveira como responsável pela freguesia. Durante seu trabalho pastoral, o clérigo lavrou 23 assentos de óbitos dos quais em 16 assentos foram especificadas as *causa mortis* de forma imprecisa ou genérica.

Entre os anos de 1852 a 1865, o Vigário José Gomes dos Santos exarou, no livro de óbitos, o total de 503 registros dos quais 256 com a *causa mortis*. Em relação a *causa mortis*, a causa “moléstia incógnita” sobressaiu em relação às demais e infelizmente apresenta pouco esclarecimento da enfermidade acometida.

O léxico das *causa mortis* contido no corpus pode ser classificado em dois grupos: mortes naturais e mortes acidentais. Dos dois grupos, neste trabalho, será detalhado o grupo das mortes naturais.

4.1 CAUSA DE MORTES NATURAIS

A partir do campo lexical das *causa mortis* extraído do livro de assentos de óbitos da Freguesia de Santo Antônio do Urubu de Cima (1845-1865) foi realizado um cotejamento

com dicionários específicos sobre medicina popular (Langgaard, 1865; Chernoviz, 1890) e obras lexicográficas (Bluteau, 1712-1728; Moraes Silva 1823[1789]).

A *causa mortis* ar do vento, não dicionarizado, assemelha-se com as expressões “ar, ramo de ar, ar de espasmo”, usadas como equivalentes ao termo apoplexia ou hemorragia cerebral, encontradas nas obras de Langgaard (1865), Chernoviz (1890) e Bluteau (1712-1728). Os autores atribuíram com critérios científicos a denominação apoplexia para as expressões populares mencionadas. Como apoplexia, a *lexia* foi registrada em Almeida (2016) e França e Barreto (2019), enquanto nos achados de Nascimento e Hosakawa (2021), encontrou-se apoplexia raquidiana.

Outra *causa mortis* encontrada foi cancro no rosto, cujas definições podem ser encontradas no Quadro 2.

Quadro 2: Definições possíveis para a *causa mortis* cancro no rosto

Obras de referência	Definição
Langgaard (1865)	Cancro. Com o termo Cancro designa-se uma serie de diferentes tumores. (p. 357, v.1)
Chernoviz (1890)	Cancro. Molestia chronica, que principia sob a fôrma de tumor, verruga ou chapa, que aumenta gradualmente, quasi nunca retrocede, apresenta uma tendencia manifesta para a ulceração, invade todos os tecidos sem distincção, póde reproduzir-se, que enfim, deteriora a saúde geral. (p. 426, v. 1)
Bluteau (1712-1728)	Cancro, s. m. v. câncer signo, e doença. § Úlcera maligna, que roe a parte do corpo, onde está (p. 224, v. 1).
Moraes Silva (1823[1789])	Cancro, s. m. V. doença. (p. 351, v. 1). Doença, s. f. Estado infermo perternatural do corpo, infirmitade, má saúde. (p. 648, v. 1)

Fonte: Elaboração própria.

A obra de Chernoviz (1890, p. 426) apresenta diferentes combinações para cancro, a saber: cancro scirrroso ou scirrho, cancro encefaloide, cancro melânico, cancro coloide e cancro epithelial ou cancroide. A moléstia encontrada nos assentos de óbitos da Freguesia de Santo Antônio do Urubu de cima configura um cancro epitelial ou concroide. Nos estudos de Almeida (2016), foi registrado “falecer de um cancro”, enquanto Araújo, Holanda e Noronha (2022) registraram cancro e as variações lexicais cancro sepphilítica e cancro externo. De acordo com Abbade (2015, p. 76), as palavras são organizadas em um campo com mútua dependência, adquirindo o significado conforme o sentido das palavras vizinhas conceituais.

No Quadro 03, a seguir, verifica-se a definição para a *causa mortis* catarrão, cuja grafia dicionarizada encontrada foi catarrhal.

Quadro 3: Definições possíveis para a *causa mortis* catarrão / catarrão amalignado

Obras de referência	Definição
Langgaard (1865)	Catarrhal. Veja-se Bronchite aguda e Defluxo. (p. 403, v. 1) Bronchite aguda (Catarrho). Os syntomas desta afecção varião um tanto, segundo ella tem sua sede nos ramos maiores ou nos mais finos dos bronchios,

	convém por isso tratar cada uma destas fôrmas separadamente, apesar da segunda forma não ser senão uma continuação da primeira. (p. 309, v. 1) Defluxo. Rhenite. Coryza. Esta afecção apresenta-se ora como incommodo agudo, ora como chronico. (p. 604, v. 1)
Chernoviz (1890)	Catarrhal. Veja-se Bronchite e Defluxo. (p. 508, v.1) Bronchite. Inflamação da membrana mucosa que forra o canal respiratório. (p. 365, v.1) Defluxo ou corysa. Dá-se estes nomes à inflamação leve dos conductos respiratórios. È o grão mais fraco da bronchite. (p. 788, v.1)
Bluteau (1712-1728)	Catarral, adj. procedido de catarro v. g. febre catarral. § De catarro v. g., fluxo catarral. (p. 245, v. 1)
Moraes Silva (1823[1789])	Catarral, adj. Procedido de catarro: v. g. “febre catarral” § De catarro: v. g. “fluxo catarral.” (p. 377, v. 1)

Fonte: Elaboração própria.

Entre os males revelados pelo corpus, “catarrão, catarrão amalignado, catarrão com febres” foi motivo de falecimento de sete indivíduos na freguesia. Almeida (2016) e França e Barreto (2019) também registram a lexia catarrão em seus achados. Langgaard (1865) e Chernoviz (1890) apontam para a bronquite (aguda) e defluxo, como sinônimo de catarral. Bluteau (1712-1728) e Moraes Silva (1823[1789]) atribuem como um adjetivo para a expectoração do muco através dos tratos respiratórios. Observa-se que são as relações internas que determinam os significados dos elementos que constituem um campo lexical.

No Quadro 4, a seguir, são apresentadas as definições catalogadas para a *causa mortis* catarro.

Quadro 4: Definições possíveis para a *causa mortis* catarro

Obras de referência	Definição
Langgaard (1865)	Catarrho. Por este nome genérico designa-se todo o escoamento de fluidos que provém das membranas mucosas, e pode-se admitir tantas espécies de catarrhos, quantas membranas mucosas distintas existem. (p. 403, v. 1)
Chernoviz (1890)	Catarrho. A palavra catarrho serve para designar uma serie de affecções próprias às membranas mucosas, e cujo principal phenomeno é o fluxo de certa porção de mucosidades segregadas por estas membranas. (p. 508)
Bluteau (1712-1728)	Catarro, s. m. fluxão de humor, que desce à garganta, ou outra parte do corpo, derivada de várias membranas dos sinos frontaes, das cavidades grandes dos ossos maxilares, etc. (p. 245, v. 1)
Moraes Silva (1823[1789])	Catarro, s. m. fluxão de humor, que desce á garganta, ou para outra parte do corpo, derivada de varias membranas dos sinos frontaes, das cavidades grandes dos ossos maxilares. (p. 377, v. 1)

Fonte: Elaboração própria.

Na fonte documental pesquisada encontram-se variações lexicais para a *causa mortis* que envolve o elemento catarro, como por exemplo, catarrão, catarrão amalignado, catarrão com febres e febres com catarro, totalizando 11 registros. As obras consultadas apresentaram, genericamente, como doenças ou fluídos próprios das membranas mucosas. Os estudos anteriores não registraram a *causa mortis* catarro em seus resultados.

No Quadro 5, a seguir, estão listadas as definições para a *causa mortis* constipação, que vitimou em número de sete pessoas, no período entre 1845 a 1848, conforme foi evidenciado na fonte documental.

Quadro 5: Definições possíveis para a *causa mortis* constipação

Obras de referência	Definição
Langgaard (1865)	Constipação. Com este termo designa-se uma serie de symtomas provenientes ordinariamente de uma súbita supressão da transpiração da pelle. Manifesta-se pellos phenomenos seguintes: calafrios seguidos de calor, febre, pelle secca, algum cansaço, sede, fastio, língua saburrosa, pulso frequente, e ourinas vermelhas; às vezes apresenta-se com uma febre muito intensa, acompanhada de um somno agitado, leves delírio ou insomnia. (p. 528, v. 1)
Chernoviz (1890)	Constipação. Designa-se por este nome um incommodo cujos symptomas são : calefrios, cansaço doloroso geral, fadiga em todos os membros, um sentimento de contusão em todos os músculos, lentidão dos movimentos, apathia, dôr de cabeça, insomnia ou um somno agitado, fastio, secura da pelle, ourinas mui carregadas e pulso frequente. (p. 675, v. 1)
Bluteau (1712-1728)	Constipação, s. f. aperto, ou cerração dos poros do corpo, acompanhado de infirmitade. (p. 316, v. 1)
Moraes Silva (1823[1789])	Constipação, s. f. aperto, ou cerração dos poros do corpo, acompanhado de infirmitade. (p. 470, v.1)

Fonte: Elaboração própria.

Percebe-se no Quadro 5, que as obras lexicográficas apresentaram os mesmos sintomas para a enfermidade, embora não elucidou para o leitor que se trata de um distúrbio intestinal, como fez França e Barreto (2019), ao registrarem a variação lexical “privação de ventre” para a mesma enfermidade.

A seguir, apresenta-se, no Quadro 6, definições da *causa mortis* esquinência.

Quadro 6: Definições possíveis para a *causa mortis* esquinência / dores pela garganta

Obras de referência	Definição
Langgaard (1865)	Esquinencia, angina tonsillar, dor de garganta ou ataque de garganta. Com estes nomes se designa uma inflamação em uma ou ambas as amygdalas. (p. 448, v. 2)
Chernoviz (1890)	Esquinencia. Veja-se Angina. (p. 1042, v. 1) Angina. Do verbo latino angere, suffocar. Assim se denomina toda a afecção inflammatoria da garganta, caracterizada pela dificuldade mais ou menos intensa na deglutição, e ás vezes na respiração. (p. 170, v. 1)
Bluteau (1712-1728)	Esquinência, s. f. doença que aperta a laringe, e faringe, e impede o engulir, e respirar. (p. 556, v. 1)
Moraes Silva (1823[1789])	Esquinencia, s. f. Doença que aperta a larynge, e a pharynge, e impede o engulir, e respirar; amygdalite”. (p.787, v. 1)

Fonte: Elaboração própria.

Como se pode observar no Quadro 6, a *causa mortis* esquinência afeta o trato respiratório, acometendo as amígdalas, laringe e faringe, dificultando o ato de engolir e

respirar. O corpus pesquisado evidenciou também a lexia composta não dicionarizada dores pela garganta. Almeida (2016) e Araújo, Holanda e Noronha (2022) registraram a *causa mortis* esquinência e laringite para as enfermidades da garganta.

Constatou-se, nos fólhos editados, a presença de 19 referências a *causa mortis* estupor, cujas definições possíveis serão apresentadas no Quadro 7.

Quadro 7: Definições possíveis para a *causa mortis* estupor

Obras de referência	Definição
Langgaard (1865)	Estupor. Veja-se apoplexia ou paralytia. (p. 165, v. 2)
Chernoviz (1890)	Estupor. Entorpecimento geral, diminuição das faculdades intellectuales, acompanhada de um ar de pasmo e de indiferença. Aparece nas febres graves e nas moléstias de cérebro. Ar de estupor, designa a apoplexia. (p. 1067, v.1)
Bluteau (1712-1728)	Estupor, s. m. falta de sentimento, e de acção em algum membro, ou parte do corpo por doença. (p. 573, v. 1)
Moraes Silva (1789)	Estupor., s. m. Falta de sentimento, e de acção em algum membro, ou parte do corpo por doença. Apoplexia. (p. 809, v. 1)

Fonte: Elaboração própria.

Mediante o cotejamento de cada definição apresentada no Quadro 7, estupor é o termo genérico para a paralisia de uma determinada parte do corpo, termo presente nas evidências produzidas por Almeida (2016), França e Barreto (2019) e Araújo, Holanda e Noronha (2022) em suas pesquisas.

A seguir, o Quadro 8, apresenta a lexia simples febre e as lexias compostas febre maligna e febre catarral. No corpus pesquisado, foram registradas as formas não dicionarizadas febres amalinadas e febres com catarro.

Quadro 8: Definições possíveis para a *causa mortis* febres / febres amalinadas/ febres com catarro

Obras de referência	Definição
Langgaard (1865)	Febre em geral. Com o nome de febre se designa um complexo de symptomas que se manifestão no organismo, fenômenos pathologicos que principalmente consistem em um calor mais ou menos elevado e contínuo. (p. 197, v. 2) Febre maligna. Nome dado por alguns autores á febre typhoide, por causa da sua marcha insidiosa, e do perigo que a acompanha. (p. 236, v. 2) Febre catarral, ou de constipação. Manifesta-se com calefrios e calor alternados, contracções doloridas nas extremidades, repetida vontade de ourinar, ás vezes com dôres. (p. 219, v. 2)
Chernoviz (1890)	Febre em geral. Esta palavra exprime a aceleração das pancadas do pulso e um augmento na temperatura natural do corpo, provocados sympathicamente pela irritação de algum órgão. (p. 1085, v. 1) Febre maligna. Por este nome designam-se, ora a inflammação do cérebro, ora a de suas membranas, ora os accidentes nervosos que predominam em certas inflammações do tubo digestivo, e finalmente certas moléstias convulsivas, acompanhadas de accidentes graves e muitas vezes terminando de uma maneira fatal. (p. 1096, v.1) Febre catarral. Synonymo de bronchite aguda. (p. 1092, v.1)

Bluteau (1712-1728)	Febre, s. f. movimento desordenado da massa do sangue, com frequência aturada das pulsações, e lesão das funções, acompanhada de hum calor excessivo as mais das vezes. § Febre maligna, ou pestilente, causada de miasmes pestíferos, etc. (p. 604, v. 1)
Moraes Silva (1823[1789])	Febre, s. m. Movimento desordenado da massa do sangue, com frequencia aturada das pulsações, e lesão das funções, acompanhada de hum calor excessivo as mais das vezes a febre he contínua, ou intermitente, que torna de espaços a espaços. (p. 846, v. 1) Febre maligna, ou pestilente, causada de miasmas pestiferos. (p. 847, v. 1)

Fonte: Elaboração própria.

Para os fregueses de Santo Antônio do Urubu de cima, falecer com o sintoma de febre foi uma causa comum, encontrada em 30 registros. Resultado semelhante ocorre em Almeida (2016), França e Barreto (2019) e Araújo, Holanda e Noronha (2022), enquanto Nascimento e Hosokawa (2021) registram a variação lexical febre palustre, sinônimo para a malária.

A respeito da *causa mortis* feridas pela boca, enfermidade encontrada em apenas um registro de óbito em 1847, o *scriptor* utilizou uma construção que não foi localizada nas obras de referência da época. Langgaard (1865, p. 185, v. 1) compilou o verbete aphtas ou sapinhos para as pequenas ulcerações que se desenvolvem na mucosa da boca e do tubo digestivo. De forma semelhante, Chernoviz (1890, p. 198, v. 1) registrou o mesmo termo para as pequenas ulcerações que se desenvolvem na face interna da boca ou na garganta. Em seu glossário de *causa mortis*, Almeida (2016) registrou “falecer de feridas pela garganta”.

Outra referência de *causa mortis* encontrada nos assentos de óbitos foi frouxo de sangue, cujas definições encontram-se no Quadro 9.

Quadro 9: Definições possíveis para a *causa mortis* frouxo de sangue

Obras de referência	Definição
Langgaard (1865)	Frouxo de sangue. Veja-se hemorragia. (p. 357, v. 2) Hemorragia. Derramamento de sangue fôra dos vasos que naturalmente o contém, quer seja no exterior, quer no interior do corpo. (p. 458, v. 2)
Chernoviz (1890)	Frouxo de sangue. Symptomas do cancro do útero que principia ordinariamente pelo desarranjo na menstruação. (p. 444, v.1)
Bluteau (1712-1728)	Frouxo, adj. Não tezo, não estirado. (p. 639, v. 1)
Moraes Silva (1823[1789])	Frouxo, adj. Não tezo, não estirado. (p. 894, v. 1)

Fonte: Elaboração própria.

Com a finalidade de servir como suporte lexical, observou-se que, em paralelo às pesquisas anteriores, os resultados de Almeida (2016) apresentaram a lexia composta fluxo de sangue e câmaras de sangue, enquanto Nascimento e Hosakawa (2021) e Araújo, Holanda e Noronha (2022) registraram hemorragia e hemorragia interna.

Langgaard (1865) explicou sobre a enfermidade frouxo de sangue recorrendo a definição de hemorragia, ao passo que Chernoviz (1890) apresentou uma definição mais

específica para este sintoma que acomete as doenças do útero. Ao verificar a definição de “fluxo” ao invés de “frouxo”, Moraes Silva (1823 [1789], p. 871, v. 1) descreveu como “corrente de humores, que a natureza descarrega: v. g. fluxo de sangue uterino, ou de nariz”.

Em seguida, as definições da *causa mortis* que acomete as articulações serão apresentadas no Quadro 10.

Quadro 10: Definições possíveis para a *causa mortis* gota

Obras de referência	Definição
Langgaard (1865)	Gota, Arthrite. Esta moléstia é caracterizada por sua remittencia, pela particularidade dos seus paroximos, symptomas locais mais ou menos intensos, que ordinariamente acometem as pequenas articulações e principalmente as dos dedos e dos pés, e finalmente pela deformidade das articulações (p.419, v. 2).
Chernoviz (1890)	Gota. A gota é uma moléstia constitucional com inflamação específica das articulações, e que aparece por acessos mais ou menos irregulares (pág. 79, v. 2).
Bluteau (1712-1728)	Gota § Doença, que consiste em fixar-se nas articulações das mãos, ou pés o humor grosso e cru, que a natureza arroja às extremidades do corpo (p. 664, v. 1).
Moraes Silva (1823[1789])	Gota, s. f. Doença, que consiste em fixar-se nas articulações das mãos, ou pés o humor grosso e cru, que a natureza arroja às extremidades do corpo (p. 25, v. 2).

Fonte: Elaboração própria.

As obras de referência apresentaram informações sobre o estado de saúde da pessoa que é acometida pela enfermidade denominada gota. Langgaard (1865) incluiu a denominação arthrite que parece compartilhar de um mesmo significado básico. O léxico de uma língua carrega traços sócio-históricos e culturais percebidos pela escolha de determinada lexia para as *causas mortis* em determinada comunidade, conforme assevera Coseriu (1977, p. 218) “a língua além de refletir toda a cultura não-linguística, é ela mesma uma zona essencial da cultura, com tradição, estruturas e normas próprias”. Do paralelo feito entre as pesquisas anteriores, dessas, apenas Almeida (2016) cataloga a *causa mortis* gota.

Conforme o Quadro 11, a seguir, as descrições da *causa mortis* hydropsia tiveram a sua forma dicionarizada nas obras pesquisadas.

Quadro 11: Definições possíveis para a *causa mortis* hydropsia

Obras de referência	Definição
Langgaard (1865)	Hydropsias em geral. Consiste em um derramamento seroso que se forma subitamente, ou pouco a pouco. Chama-se também anasarca, edema, hydropsia interna e enkistada. (p. 538, v. 2)
Chernoviz (1890)	Hydropsia. Dá-se o nome de hydropsia a todo o derramamento de serosidade em uma cavidade qualquer do corpo ou no tecido celular subcutâneo. (p.460, v. 1)

Bluteau (1712-1728)	Hydropesia, s. f. inchação em qualquer parte do corpo, por agua, que se derrama, e ajunta ahi, he doença acompanhada de sede insaciavel. (p. 688, v. 1)
Moraes Silva (1823[1789])	Hydropesia, s. f. Inchação em qualquer parte do corpo, por agua, que se derrama, e ajunta ahi; é doença acompanhada de sede insaciável. (p. 61, v. 2).

Fonte: Elaboração própria.

Observou-se que a enfermidade *hydropesia* apareceu nos assentos de óbito da Freguesia de Santo Antônio do Urubu de cima com variações lexicais, a saber: *hidropesia*, *hydropesia*, *hydropisia*. De acordo com Biderman (2001, p. 179), “as mudanças sociais e culturais acarretam alterações nos usos vocabulares”. Foi encontrado o verbete “*hidropisia*” em Almeida (2016), Nascimento, Lira e Hosokawa (2020) e França e Barreto (2019). Além da *causa mortis* *hidropisia*, Nascimento e Hosokawa (2021) e Araújo, Holanda e Noronha (2022) encontraram a enfermidade “*anasarca*” para os mesmos sintomas.

As definições apontadas pelo Quadro 12 descrevem uma *causa mortis* que não foi comum nos estudos até então apresentados, e no presente corpus foi registrada apenas uma ocorrência.

Quadro 12: Definições possíveis para a *causa mortis* hemorroidas

Obras de referência	Definição
Langaard (1865)	Hemorroidas ou almorreimas. Segundo a sua etymologia, significa esta palavra simplesmente hemorragia, e os autores antigos gregos e latinos a empregavam mesmo nesse sentido, fazendo apenas a distinção de designar com ella uma hemorragia pequena. Depois passou a ser usada para designar as dilatações varicosas das vês do intestino recto, e com esta significação é hoje geralmente empregada. (p. 464, v. 2)
Chernoviz (1890)	Homorrhoidas ou almorreimas. Moléstia caracterizada por um fluxo de sangue pela via inferior, com desenvolvimento de tumores sangüíneos nesta parte. (p. 436, v.2)
Bluteau (1712-1728)	Hemorroidas, s. f. pl. almorreimas. (p. 679, v. 1) Almorreimas, s. f. pl. dilatação das veias hemorroidaes, junto ao ano, que se enchem de sangue, e quando não rebentão se dizem almorreimas cegas. (p. 64, v. 1)
Moraes Silva (183[1789])	Hemorrhóidas, s. f. plur. Almorreimas. (p. 49, v. 2) Almorreimas. Dilatação das veyas hemorroidaes, junto ao ano, que se enchem de sangue, e quando não rebentão se dizem almorreimas cegas. (p. 108, v. 1)

Fonte: Elaboração própria.

Entre os vínculos em que as definições do Quadro 12 apresentam entre si, percebe-se que a *causa mortis* hemorroida era de conhecimento do *scriptor* e dos grupos mais próximos da pessoa falecida. E isso deve ter sido levado em conta no momento do registro paroquial porque a escolha da lexia transita entre as diferenças do saber científico e do saber popular.

O Quadro 13, a seguir, resultou da averiguação do saber lexical utilizado para designar a enfermidade que acometeu seis indivíduos no sertão de cima do São Francisco no referido marco temporal estudado.

Quadro 13: Definições possíveis para a *causa mortis* inchação

Obras de referência	Definição
Langgaard (1865)	Inchação ou inchaço. Veja-se Edema e Inflamação. (p. 605, v. 2) Edema. O edema tem frequentemente o seu assento nas pálpebras, no escroto e nas pernas, e consiste em uma hydropisia parcial dos tecidos; sendo esta hydropisia geral, dá-se o nome de Anasarca. (p. 8, v. 2)
Chernoviz (1890)	Inchação ou inchaço. Assim se chama vulgarmente a augmentação do volume de uma parte ou do corpo todo. Veja-se ANASARCA. (p. 216, v.2). Anasarca. Inchação geral ou muito extensa do corpo, produzida pela acumulação de serosidade no tecido subcutâneo. (p. 451, v.1)
Bluteau (1712-1728)	Inchação, s. f. extensão, e grossura preternatural de alguma parte do corpo. (p. 704, v. 1)
Moraes Silva (1823[1789])	Inchação, s. f. Extensão, e grossura preternatural de alguma parte do corpo. (p. 81, v. 2)

Fonte: Elaboração própria.

Os dicionários de medicina popular consultados apontaram a enfermidade anasarca como sinônimo de inchação. Das pesquisas comparadas, apenas Araújo, Holanda e Noronha (2022) inventariam o mesmo verbete.

As definições para a *causa mortis* indigestão são apresentadas conforme o Quadro 14, a seguir.

Quadro 14: Definições possíveis para a *causa mortis* indigestão

Obras de referência	Definição
Langgaard (1865)	Indigestão. Veja-se Gastrite. (p. 608, v. 2) Gastrite, inflamação do estomago. É aguda ou chronica. (p. 390, v. 2)
Chernoviz (1890)	Indigestão. Assim se chama a perturbação súbita da digestão. (p. 224, v.2)
Bluteau (1712-1728)	Indigestão, s. f. falta de cozimento dos alimentos no estomago. (p. 712, v. 1)
Moraes Silva (1823[1789])	Indigestão, s. f. Falta de cozimento dos alimentos no estomago. (p. 89, v. 2)

Fonte: Elaboração própria.

A enfermidade “indigestão” também foi motivo de falecimento nas localidades pesquisadas por Almeida (2016), França e Barreto (2019) e Araújo, Holanda e Noronha (2022).

A seguir, o Quadro 15 apresenta as definições apenas da *lexia* simples inflamação, devido às *lexias* compostas “inflamação interior” e “inflamação interna” não terem sido encontradas.

Quadro 15: Definições possíveis para a *causa mortis* inflamação / inflamação interior / inflamação interna

Obras de referência	Definição
---------------------	-----------

Langgaard (1865)	Inflamação. A inflamação consiste, no sentido genérico, em uma congestão do systema capilar, acompanhada de uma estagnação parcial do sangue no mesmo, e na exsudação plástica do tecido. (p. 612, v. 2)
Chernoviz (1890)	Inflamação. Diz-se que uma parte está inflammada quando se acha vermelha, inchada, dolorosa e mais quente do que no estado natural. (p. 228, v. 2)
Bluteau (1712-1728)	Inflamação, s. f. tumor preternatural causado pelo sangue, com vermelhidão, e calor: a inflamação he de diversas espécies segundo os lugares, que occupa. (p. 718, v. 1)
Moraes Silva (1823[1789])	Inflamação, s. f. Tumor preternatural, causado pelo sangue, com vermelhidão, e calor: a inflamação é de diversas espécies, segundo os lugares que occupa. (p. 98, v. 2)

Fonte: Elaboração própria.

A *causa mortis* inflamação também foi caso registrado por Almeida (2016), França e Barreto (2019) e Araújo, Holanda e Noronha (2022).

No Quadro 16, a seguir, observa-se a definição encontrada apenas nos dicionários de medicina popular para a *causa mortis* mal de sete dias.

Quadro 16: Definições possíveis para a *causa mortis* mal de sete dias

Obras de referência	Definição
Langgaard (1865)	Tétano dos recém-nascidos, trismo ou mal de sete dias. É um incommodo que por certo parte da medulla espinhal. A criança deixar de mamar, chora muito e de um modo aflictivo, e examinando-se-lhe a bocca, vê-se o queixo mais ou menos immovel. As vezes apparecem já algumas convulsões, annunciando os outros symptomas; porém, ordinariamente, manifestão-se elas mais tarde (p. 531, v.3).
Chernoviz (1890)	Mal de sete dias ou mal de embigo. Tétano dos recémnascidos. Attribute-se à inflamação do cordão umbilical, inflamação que póde ser produzida pelo desalinho. Póde apparecer espontaneamente; mas é occasionada de ordinario pela falta dos cuidados hygienicos” (p. 359, v. 2).
Bluteau (1712-1728)	Expressão não encontrada.
Moraes Silva (1823[1789])	Expressão não encontrada.

Fonte: Elaboração própria.

O mal de sete dias acometeu muitas crianças na Freguesia de Santo Antônio do Urubu de cima no período que abarca o livro de registros de óbitos, além da causa registrada pelos *scriptores* “faleceu ao nascer”. A expressão popular “mal de sete dias” foi registrada apenas pelos dicionários de medicina popular. França e Barreto (2019) também registram a expressão “mal de sete dias”, ao passo que Nascimento e Hosakawa (2021) encontram a enfermidade tétano infantil.

Seguindo adiante, a presença da *lexia* simples maligna e a *lexia* composta maligna nas tripas mostraram-se demasiadamente produtivas nos registros de óbitos do sertão de cima do São Francisco. Os *scriptores*, em determinados momentos, utilizavam termos genéricos pela escassez de informações ou até mesmo pela falta de conhecimento específico de medicina para atestar a morte da pessoa. Abbade (2015) elucida que o

significado de cada palavra depende da observação em seu conjunto de campo, pois fora desse contexto não pode existir uma significação.

Chernoviz (1890, p. 1100) elucidou em sua obra que a febre typhoide recebeu muitas denominações, entre elas, maligna. Falecer de maligna também foi um dos achados de Almeida (2016) em sua pesquisa. A *causa mortis* maligna nas tripas também abarca uma definição ampla para as doenças do intestino. Langgaard (p. 53, v. 3) registra moléstia dos intestinos, que define como “as affecções dos intestinos manifestão-se por dôres, ora em toda extensão do ventre, o que principalmente acontece quando os intestinos delgados se achão affectados”. Os demais trabalhos aqui apresentados não contemplaram a expressão “maligna nas tripas”.

A lexia simples moléstias foi uma *causa mortis* genérica para denominar uma enfermidade que talvez, fosse desconhecida para o *scriptor* no momento de realizar a celebração para o sepultamento da pessoa falecida. Chernoviz (1890, 436, v. 2) destaca que toda alteração de uma ou mais partes do corpo e o desarranjo de suas funções podem ser utilizados para a definição de moléstia, doença ou afecção.

Esta lexia simples também foi base para as formas compostas moléstias incógnitas e moléstias internas que estiveram presentes em 218 e 14 registros, respectivamente. As lexias doença e enfermidade foram utilizadas nos assentos de óbitos para denominar uma causa aparentemente desconhecida. Almeida (2016) também se depara com a expressão “falecer de moléstia” para a denominação de uma causa desconhecida.

Em relação à lexia composta moléstia de peito (Quadro 17), verificou-se que apenas Chernoviz (1890) apresentou a forma dicionarizada de uso popular da forma moléstia de peito, enquanto que as demais obras descreveram a lexia tísica para a doença.

Quadro 17: Definições possíveis para a *causa mortis* moléstias de peito

Obras de referência	Definição
Langgaard (1865)	Moléstia de peito. Expressão não encontrada. “Tísica tuberculosa chronica, phthisis ou phthisica. Apesar que tísica significa consumpção, qualquer que seja a causa desta, tem-se tornado uso empregar este termo exclusivamente para designar sómente os tuberculos pulmonares, de sorte que as duas denominações, tísica e tuberculosa pulmonar chronica, se têm tornado sinonimos” (p. 555, v. 3).
Chernoviz (1890)	“debaixo do nome de molestia de peito designa-se vulgarmente a tísica. A tísica consiste no desenvolvimento de tuberculos nos pulmões, que ocasiona a diminuição lenta das forças, o emmagrecimento progressivo, e produz a moléstia chamada tísica” (p. 1092, v. 3).
Bluteau (1712-1728)	Moléstia de peito. Expressão não encontrada. Tísica. Doença causada de chaga no bofe. (p. 461, v. 2)
Moraes Silva (1823[1789])	Molestia de peito. Expressão não encontrada. Tísica. Doença causada de chaga no bofe. (p. 765, v. 2)

Fonte: Elaboração própria.

As moléstias que atacavam os pulmões mais temidas eram denominadas na cultura popular de moléstias de peito ou tísica, ou seja, a tuberculose. Enfim, “novos vocábulos, ou novas significações de vocábulos já existentes, surgem para enriquecer o Léxico”

(Biderman, 2001, p. 179) e compreender a cultura médica da época. Almeida (2019) encontrou em sua pesquisa expressão semelhante: moléstia no peito.

No que se refere a *causa mortis* moléstias venéreas (Quadro 18), apenas nos dicionários de medicina popular são encontradas as definições.

Quadro 18: Definições possíveis para a *causa mortis* moléstias venéreas

Obras de referência	Definição
Langgaard (1865)	Syphilis, moléstia venérea, Lues venera, Morbus venereus. A syphilis é uma moléstia que parece propria somente do genero humano, sem porem desenvolver-se ahi espontaneamente; é devida á acção de um vírus contagioso, que é a sua causa especifica; desenvolve-se sem interrupção desde o momento que a causa do desenvolvimento existe, produzindo diferentes series de acidentes” (p. 479, v.3)
Chernoviz (1890)	Molestia venérea. Veja-se Syphilis. (p. 440, v. 2) Syphilis. Syphilis, mal syphílico, mal venéreo, gallico [...]. (p. 1031, v. 2)
Bluteau (1712-1728)	Expressão não encontrada.
Moraes Silva (1823[1789])	Expressão não encontrada.

Fonte: Elaboração própria.

No conjunto das moléstias venéreas, Langgaard (1865) e Chernoviz (1890) chamam atenção para a sífilis. Os *scriptores* do sertão de cima apontam de uma forma genérica para as doenças venéreas que assolavam a freguesia, enquanto na pesquisa de França e Barreto (2019) o registro foi específico: sífilis.

No que diz respeito à *causa mortis* pleuriz (Quadro 19), encontram-se as formas dicionarizadas nas quatro obras pesquisadas.

Quadro 19: Definições possíveis para a *causa mortis* pleuriz

Obras de referência	Definição
Langgaard (1865)	Pleuriz, pleurisia e inflamação da pleuriz. Distingue-se em geral entre o pleuriz agudo e chronico, igualmente se é extenso ou parcial, se ha exsudação ou derramamento seroso ou não. (p. 264, v.3)
Chernoviz (1890)	Pleuriz. Inflamação da pleura, membrana que reveste os pulmões; póde ser agudo ou chronico. (p. 754, v. 2)
Bluteau (1712-1728)	Pleuriz, s. m. dor a hum lado aguda, e violenta causada pela inflamação da pleura, e muitas vezes, da parte externa do bofe: o pleuriz falso, ou espúrio causa-se de huma linfa, ou porosidade acre detida na pleura ou nos músculos intercostaes. (p. 209, v. 2)
Moraes Silva (1823[1789])	Pleuriz, s. m. Dor a hum lado aguda, e violenta causada pela inflamação da pleura, e muitas vezes, da parte externa do bófe: o pleuriz falso, ou espúrio causa-se de huma linfa, ou sorosidade acre detida na pleura ou nos músculos intercostaes”. (p. 420, v. 2)

Fonte: Elaboração própria.

Ao observar o Quadro 19, pode-se concluir que as lexias deixam em evidência o uso da língua em determinada comunidade, há casos em que *causa mortis* evidencia o saber científico, em outros o saber popular. A *causa mortis* equivalente à atual pleurisia foi encontrada no patrimônio vocabular das comunidades linguísticas pesquisadas por Almeida (2016), França e Barreto (2019) e Araújo, Holanda e Noronha (2022).

Em seguida, o Quadro 20 apresenta a prática lexicográfica pensada pelos *scriptores* do sertão de cima do São Francisco ao utilizar as formas mais populares para determinadas *causa mortis*.

Quadro 20: Definições possíveis para a *causa mortis* retenção de urina

Obras de referência	Definição
Langgaard (1865)	Retenção das ourinas. Entende-se como retenção das ourinas a acumulação deste liquido na bexiga, sem que o doente possa evacua-la. (p. 386, v.3)
Chernoviz (1890)	Retenção de ourina. Impossibilidade de evacuar a ourina acumulada na bexiga. (p. 890, v.2)
Bluteau (1712-1728)	Retenção, s. f. o acto de reter. § Retenção de urina, embaraço desta, e assim retenção de todos os excrementos. (p. 339, v. 2)
Moraes Silva (1823[1789])	Retenção de urina, embaraço desta, e assim retenção de todos os excrementos, das fazes” (p. 592, v. 2)

Fonte: Elaboração própria.

Como ficou evidenciado no Quadro 20, o uso popular da expressão retenção de urina foi utilizado pelos *scriptores* para designar a *causa mortis*, como um tipo de adaptação pela falta de conhecimento técnico para a verdadeira causa, já que retenção de urina é um sintoma. A retenção da urina foi uma das *causa mortis* também encontrada nos achados de Almeida (2016).

Como se observa no Quadro 21, a seguir, os *scriptores* denominavam a *causa mortis* de acordo com suas experiências entre o saber científico e o saber popular, além das informações que estavam disponíveis através das pessoas mais próximas dos fregueses falecidos.

Quadro 21: Definições possíveis para a *causa mortis* reumatismo

Obras de referência	Definição
Langgaard (1865)	Rheumatismo. Applica-se a diversas afecções, tanto chronicas como agudas, apyreticas como febris, com e sem inchação ou inflammação, etc., mas estas affecções se distinguem por dôres mais ou menos intensas nos musculos ou articulações. (p. 387, v.3)
Chernoviz (1890)	Rheumatismo. Moléstia cujo principal character consiste numa dôr nas articulações (juntas) ou nos músculos, pelo que se divide em rheumatismo articular e rheumatismo muscular. (p. 892, v.2).
Bluteau (1712-1728)	Reumatismo, s. m. doença causada pela fluxão de humores, que correm para alguma parte do corpo, e causão dores intensas. (p. 345, v. 2)
Moraes Silva (1823[1789])	Reumatismo, s. m. Doença causada pela fluxão de humores, que correm para alguma parte do corpo, e causão dores intensas. (p. 600, v. 2).

Fonte: Elaboração própria.

Como ficou evidenciado na fonte documental, as enfermidades mais comuns entre a população eram as menos fatais, a exemplo do reumatismo que foi registrado em um único assento de óbito. A mesma enfermidade foi registrada em Almeida (2016) e Araújo, Holanda e Noronha (2022).

O Quadro 22 fornece a definição da *lexia* tosse e sua variação tosse convulsiva. Vale ressaltar que a *lexia* composta tosse convulsa, presente nos assentos de óbitos pesquisados, não foi registrada nas obras pesquisadas.

Quadro 22: Definições possíveis para a *causa mortis* tosse convulsa

Obras de referência	Definição
Langgaard (1865)	Tosse comprida ou convulsiva, veja-se coqueluche. Coqueluche. Manifestão-se os symptomas como se fosse um catarrho ordinario, com tosse, defluxo, um pouco de cephalalgia, languor, frio alternado com calor. As vezes apparecem juntamente symptomas que têm muita semelhança com os pródromos de uma febre exanthematica, muito principalmente como sarampo; (p. 545, v.1)
Chernoviz (1890)	Tosse convulsiva. Veja-se Coqueluche. (p. 1111, v. 2) Coqueluche. Dá-se este nome a uma tosse violenta e convulsiva que torna a apparecer com intervallos mais ou menos longos, e que consiste em muitas expirações successivas, seguidas de uma inspiração sonora. (pág. 704, v. 1)
Bluteau (1712-1728)	Tosse, s. f. movimento, ou esforço do bofe irritado, para lançar do peito com a respiração aquillo que o molesta. (p. 471, v. 2)
Moraes Silva (1823 [1789])	Tosse, s. f. Movimento, ou esforço do bofe irritado, para lançar do peito com a respiração aquillo que o molesta. (p. 777, v. 2)

Fonte: Elaboração própria.

A *causa mortis* tosse convulsa revela a dificuldade dos *scriptores* no momento de lavar os assentos de óbitos para apontar o termo mais preciso da enfermidade, o que revela também a falta de assistência da população daquele microcosmo social do sertão do São Francisco. Da mesma maneira, Almeida (2016) encontra em seu estudo “falecer de mal de tosse”. Por seu turno, Nascimento e Hosokawa (2021), França e Barreto (2019) e Araújo, Holanda e Noronha (2022) registram um quadro patológico mais específico: coqueluche.

E por último, a *causa mortis* velhice esteve presente nos registros derradeiros da vida dos fregueses do sertão de cima do São Francisco. Ao longo das duas décadas em que o livro foi utilizado para os registros de óbitos, o tempo longo de existência fez parte da vida de algumas pessoas. Almeida (2016), França e Barreto (2019) e Araújo, Holanda e Noronha (2022) também foram contemplados com a *causa mortis* “velhice” em seus trabalhos.

5 “E PARA CONSTAR...”: CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presença da *causa mortis* nos registros paroquiais do século XIX resultou das exigências do Governo Português, permitida pela orientação das *Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia* (1707) que preconizavam “a mudança, uso e costumes” dos tempos. Assim, neste estudo, foram selecionadas as *causa mortis* por causas naturais encontradas nos assentos de óbito da Freguesia de Santo Antônio do Urubu de cima, exarados por três diferentes *scriptores* no período compreendido entre 1845 a 1865.

O léxico das *causa mortis* foi descrito e comparado com esses instrumentos de normatização da língua portuguesa utilizados na referida época. Tais instrumentos registraram o acervo lexical da língua, além de valorizar o uso da cultura popular. A elaboração dos assentos de óbitos implicava na tradição veiculada às *Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia* (1707), no entanto, a intervenção do *scriptor* ficava visível no teor do documento, mais especificamente na informação da *causa mortis*, que por muitas vezes, deixava de ser registrada pela escassez de informações, pela falta de assistência ou pelo conhecimento insuficiente das denominações das enfermidades. Tais fatores condicionaram a declaração (ou a ausência dela) no livro de assentos de óbitos da Freguesia de Santo Antônio do Urubu de cima (1845-1865).

As lexias encontradas no corpus pesquisado, juntamente com a observância dos dados encontrados em pesquisas anteriores, indicam que o campo lexical das *causa mortis* está relacionado ao contexto sócio-histórico, cultural e com a tradição de uma determinada comunidade linguística, o que confirma a hipótese (I) levantada de que o uso recorrente das denominações das doenças pela cultura popular e através das informações técnico-científicas implicava na denominação do motivo do falecimento.

A interface entre o labor filológico e os estudos lexicais proporcionaram a reflexão sobre a história linguística e cultural dessa comunidade localizada no sertão do rio São Francisco no século XIX, confirmando a hipótese (II) de que o contexto sócio-histórico, o uso e costumes culturais e a assistência recebida pela pessoa falecida comprometiam o lançamento dos dados nos registros.

A Ordem Régia de 21 de novembro de 1797, conhecida como Diploma Real enviada aos governadores ultramarinos, solicitava a presença de informações qualitativas dos indivíduos, entre elas, nos registros de óbitos a *causa mortis* da população. Diante dessa determinação, os *scriptores* (párocos) começaram a identificar nos assentos de óbitos tal informação, o que permitiu a identificação das possíveis doenças que acometiam as pessoas da América portuguesa, sobretudo da Freguesia de Santo Antônio do Urubu de cima (1845-1865), trazendo à tona dados importantes para a investigação no âmbito dos estudos lexicais, contribuindo para o conhecimento dos valores culturais e da sócio-história do Português Brasileiro, sobretudo no sertão do Rio São Francisco.

REFERÊNCIAS

LIVRO de assentos de óbitos da Freguesia de Santo Antônio do Urubu de Cima. Data-limite: 1845-1865. Cúria Diocesana de Bom Jesus da Lapa-BA.

BLUTEAU, Raphael. *Vocabulario portuguez & latino: aulico, anatomico, architectonico*. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus; 1728.
Disponível em: <http://purl.pt/13969>. Acesso em: 08 set. 2023.

CHERNOVIZ, Pedro Luiz Napoleão. *Diccionario de medicina popular e das sciencias accessorios para uso das familias, contendo a descripção das Causas, symptomas e tratamento das moléstias; as receitas para cada molestia; As plantas medicinaes e as alimenticias; As aguas mineraes do Brazil, de Portugal e de outros paizes; e muitos conhecimentos uteis*. 6. ed. Paris: A Roger & F Chernoviz, 1890. 2 v. Disponível em: <https://www.bbm.usp.br/pt-br/dicionarios/diccionario-de-medicina-popular-e-das-sciencias-accessorias-para-uso-das-familias/>. Acesso em: 13 set. 2023.

CONSTITUIÇÕES PRIMEYRAS DO ARCEBISPADO DA BAHIA feytas, & ordenadas pelo Illustrissimo e Reuerendissimo Sor D. Sebastião Monteyro da Vide, Arcebispo do Arcebispado, & do Conselho de Sua Magestade, propostas e acceytas em o Sinodo Diocesano que o dito Senhor celebrou em 12 de junho do anno de 1707. Lisboa Occidental: na Officina de Paschoal da Sylva, Impressor de Sua Majestade, 1719.
Disponível em: <https://purl.pt/24092>. Acesso em: 09 set. 2023.

LANGGAARD, Theodoro J. H. *Dicionário da Medicina Doméstica e Popular*. Rio de Janeiro: Laemert & Cia, 1865. Disponíveis em: Livro 1 (A-D) <<https://books.google.com.br/books?id=pgAHAAAAcAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR#v=onepage&q&f=false>>; Livro 2 (E-L) <<https://books.google.com.br/books?id=2gAHAAAAcAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR#v=onepage&q&f=false>>; Livro 3 (M-Z) <<https://books.google.com.br/books?id=gAHAAAAcAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR#v=onepage&q&f=false>>. Acesso em: 11 ago. 2023.

MORAES SILVA, António. de. *Diccionario da Lingua Portuguesa*: recopilado de todos os impressos até o presente. Lisboa: Typ. De M. P. de Lacerda, 3.ed. 1823.
<https://purl.pt/40298>. Acesso em 14 set. 2023.

ANTHONY, L. Lawrence Anthony Website (AntConc). Disponível em: <http://www.antlab.sci.waseda.ac.jp/index.html>. Acesso em: 30 ago. 2023.

ABBADE. C. M. S. *A teoria dos campos lexicais*. In: ALMEIDA, A. A. D.; SANTOS, E. S.; SOLEDADE, J. Saberes lexicais: mundos, mentes e usos. Salvador: EDUFBA, 2015.

ALMEIDA, F. K. *O léxico de causa mortis em certidões de óbito do vale do jaguaribe no século XIX*. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) - Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, Fortaleza, 2016.

ARAÚJO, A. A.; HOLANDA, M. A. P. S.; NORONHA, L. A.; A causa mortis em documentos de óbito: analisando a variação lexical. *Confluência*. Rio de Janeiro: Linceu Literário Português, n. 63, p. 338-366, jul.-dez., 2022

ARRAES, D. E. A. *Ecos de um suposto silêncio: paisagem e urbanização dos “certoens” do Norte (1666-1820)*. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

BIDERMAN, M. T. C. *Teoria Linguística: teoria lexical e linguística computacional*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

CAMBRAIA, C. N. *Introdução à crítica textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

COSERIU, E. *Principios de semántica estructural*. Madrid: Gredos, 1977.

FRANÇA, L. H. O.; BARRETO, J. R. O. Enveredando pelo léxico: algumas incursões sobre as *causa mortis* presentes em um livro de óbitos novecentista do oeste baiano. Rio de Janeiro: *Revista Philologus*, ano 25, n. 74, 2019.

MATOS, P. T.; SOUSA, P. S. A estatística da população na América Portuguesa, 1750-1820. *Revista de Historia y arqueología desde el Caribe colombiano*, Barranquilla, ano11, n. 25, jan/abr, 2015. Disponível em:

<http://rcientificas.uninorte.edu.co/index.php/memorias/article/view/6915/6715>.

Acesso em: 28 set. 2023.

NASCIMENTO, L. F. S.; [HOSOKAWA, A.B.S. Certidões de óbito da Igreja Matriz de São Pedro e São Paulo: edição semidiplomática e glossário de causae mortis. *Revista Geadel*, v. 2, n. 1, 2021.](#)

NASCIMENTO, L. F. S.; LIRA, M. S.; [HOSOKAWA, A.B.S.](#) Edição semidiplomática das certidões de óbito da Igreja Matriz São Pedro e São Paulo e a denominação da causa mortis. *Revista Philologus*, v. 26, p. 154-170, 2020.

NOGUEIRA, G. A. *“Viver por si”, viver pelos seus: famílias e comunidade de escravos e forros no “Certam de Cima do Sam Francisco” (1730-1790)*. Dissertação (Mestrado em História Regional e Local) – Departamento de Ciências Humanas V, Universidade do Estado da Bahia, Santo Antônio de Jesus, Bahia, 2011.

NUNES, J. H. *Dicionários no Brasil: análise e história do século XVI ao XIX*. Campinas: Pontes Editores – São Paulo: FAPESP – São José do Rio Preto: FAPERP, 2006.

SPINA, S. *Introdução à edótica: crítica textual*. São Paulo: Ed. Cultrix. 1977.

VERDELHO, T. Dicionários portugueses: breve história. In: NUNES, J. H; PETTER, M. (org.). *História do saber lexical e constituição de um léxico brasileiro*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP: Pontes, p.15-64, 2002.